

Magri assume adesão à candidatura do PRN

por Ricardo Balthazar
de São Paulo

O presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), Antônio Rógério Magri, assumiu publicamente ontem seu apoio à candidatura de Fernando Collor de Mello (PRN). Seu principal objetivo é conquistar a posição de interlocutor privilegiado do governo dentro do movimento sindical na hipótese de Collor ser eleito presidente da República.

É, também, uma forma de se opor à sua rival, a Central Unica dos Trabalhadores (CUT), cujos principais dirigentes apóiam o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva. "Collor defende um capitalismo moderno que bate com as minhas idéias", justificou Magri, que passou alguns meses negociando seu apoio a Collor. "Com ele, nós, trabalhadores, vamos ser ouvidos no governo e deixaremos de ser os coadjuvantes que sempre fomos."

"Eu disse para ele: 'Você tem que crer nos trabalhadores e organizar a classe operária, senão será um fracassado'. Se ele ganhar o coração do trabalhador, na hora em que precisar dele é só estalar os dedos", afirmou Magri. Ontem mesmo, o presidente da CGT gravou um depoimento de um minuto para o programa de Collor no horário gratuito de propaganda eleitoral na televisão. Uma equipe da Globotec, empresa das Organizações Globo, gravou quase toda a entrevista que Magri concedeu ontem.

Eleito num conturbado congresso no início do ano, Magri comanda hoje uma entidade que encontra dificuldades para se estruturar e enfrentar as divergências políticas que sempre acompanharam a central desde sua fundação, em 1986. Ele diz representar 1.684 entidades sindicais filiadas, embora no congresso tenham comparecido 682 — destas, uma parte formou uma dissidência liderada pelo ex-presidente Joaquim dos Santos Andrade.

Hoje, Andrade reúne esse grupo na Central Geral

dos Trabalhadores (CGT), articulada num outro congresso, em setembro. Suplente no Senado do candidato do PSDB à Presidência, Mário Covas, Andrade conseguiu levar aos tucanos o apoio de outros dirigentes sindicais paulistas, como o presidente da Federação dos Metalúrgicos, Argeu Egydio dos Santos. Muitos integrantes da executiva da CGT de Magri não apóiam Collor.

A campanha eleitoral tem acentuado essas divisões políticas do movimento sindical. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, por exemplo, também acena com o apoio a Collor mas não assume essa preferência publicamente. Mesmo assim, já participou do programa do PRN na televisão. No início do ano, ele negociava uma aliança com Leonel Brizola (PDT), de quem quase foi vice. A subida de Collor nas pesquisas foi parcialmente responsável pelo fim dessa articulação.

Medeiros e Magri, que atuam como aliados na oposição à CUT, partem de um raciocínio comum nestas eleições: devem apoiar quem tiver melhores condições de se opor a Lula. Eles acham que a vitória de Lula ou de um candidato apoiado pelo PT deixará ambos com um espaço político menor dentro do sindicalismo e nas relações com o governo. "O Lula tem uma linguagem muito raivosa e não acredito nesses padres e intelectuais que cercam o PT sem fazer nada para o trabalhador", disse Magri.

Um ponto gera consenso entre as principais lideranças do movimento sindical do País: Magri, Medeiros, Andrade e o presidente da CUT, Jair Meneguelli, não acreditam que o empresário Silvio Santos (PMB) chegue ao segundo turno. Meneguelli é o único convicto da presença de Lula na segunda etapa das eleições. Desde setembro, ele passou a maior parte do seu tempo viajando por dez estados para a campanha do PT, seguindo um roteiro previamente elaborado pela direção do partido.